

## GALIZA, FINISTERRA NA PENÍNSULA IBÉRICA

*ILÍDIO DO AMARAL*

Ao aceitar o amável convite para estar presente no Colóquio Científico Internacional sobre «Tradição, Actualidade e Futuro Galego», que decorreu de 13 a 15 de Novembro de 1980, na mui bela e antiga cidade de Trier, de tão longas tradições históricas (Augusta Treverorum, Trêves, ... Trier), organizado pelo Departamento de Romanísticas da Universidade de Trier, passei em revista alguns temas geográficos em torno dos quais pudesse alinhar umas tantas ideias para oferecer como despretensiosa contribuição e que melhor servissem os intuitos do Encontro, o diálogo a estabelecer entre os seus participantes.

Procurei reler, com renovado interesse e o maior deleite, as páginas maravilhosas de ROSALÍA DE CASTRO, sobretudo em *Cantares Gallegos* e em *Folhas Novas* (1), para recordar, do primeiro, livro incomparável em que, toda inteira, palpita a vida galega, o seu belo hino que os seguintes versos bem exemplificam:

«Lugar máis hermoso  
no Mundo n'hachara,  
qu'aquel de Galicia,  
Galicia encantada».

.....  
«Cantart'ei, Galicia,  
na lengua gallega,  
consuelo dos males,  
alivio das penas».

.....;

e, do mesmo modo, a sua profunda tristeza, que também é realidade geográfica, em

« ¡ Castellanos de Castilla,  
tratade ben ós gallegos:  
cando van, van como rosas;  
cando vên, vên como negros!»

Para relembrar, do segundo, *Folhas Novas*, em « ¡ Pra a Habana! », de « As Viudas d'os Vivos e as Viudas d'os Mortos », a nostalgia e as sugeridas dramáticas conseqüências de

« ¡ Van a deixal-a patria!...  
Forzoso, mais supremo sacrificio.  
A miseria está negra en torno d'eles,  
ay!, ¡ y! adiant' está ò abismo!... »

« Este vaise y aquel vaise,  
e todos, todos se van;  
Galicia, sin homes quedas  
que te podían traballar ».

Também me ocorreu, repetidamente, desde o primeiro momento, o conteúdo de um texto do Prof. JOSEPH M. PIEL — e muito a propósito, pois assim me foi oferecida a ocasião de render devida homenagem ao Autor, igualmente o Presidente do Colóquio — cuja utilização faço com relativa frequência, por motivo da preparação de um Vocabulário de Geomorfologia. Eis o fragmento que aqui interessa referir: « Na verdade, quem alguma vez teve ocasião de lidar com corografias da Península, não ignora as flagrantes afinidades existentes na nomenclatura geográfica, entre o N. de Portugal, em particular o Minho, por um lado, e a Galiza, com as partes ocidentais das Astúrias e de Leão, por outro. Estas afinidades, por motivos históricos conhecidos nas suas grandes linhas, vêm a ser, em muitos aspectos típicos, maiores que aquelas que vinculam o Entre-Douro-e-Minho ao restante do território português, sobretudo à parte que fica ao sul do Mondego » (2).

Não estando ainda feita com suficiente pormenor a Geografia geral comparada daquele território, contudo são conhecidas, em linhas gerais, as grandes afinidades que existem

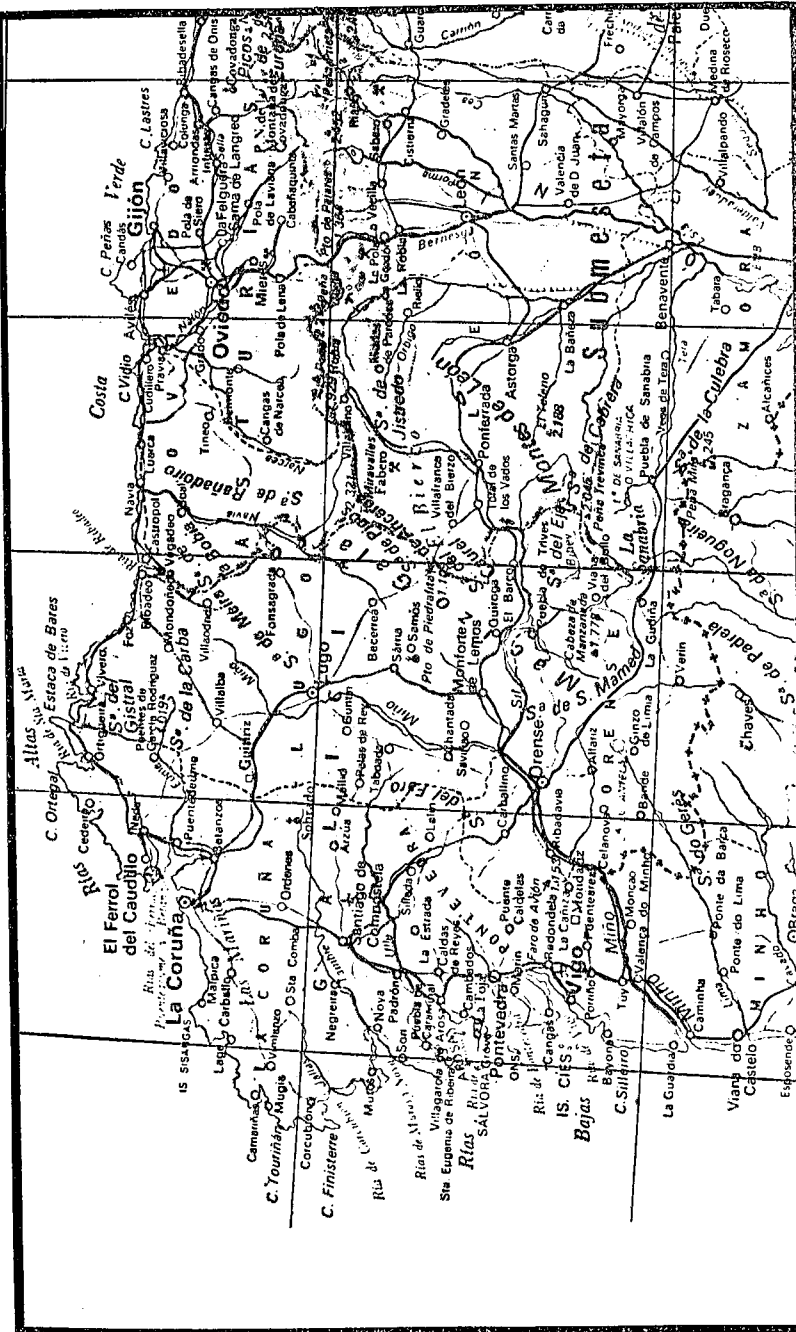


Fig. 1 — A Galiza no Noroeste da Península Ibérica. Escala de 1:2 500 000.  
(Do *Gran Atlas Aguilar*. Madrid, 1969, vol. I, p. 70).

entre eles, quer do ponto de vista da Geografia física, quer do ponto de vista da Geografia humana e económica. Valiosas páginas têm sido escritas por diversos autores, sendo justo salientar as do geógrafo alemão HERMANN LAUTENSACH, particularmente em *Die Iberische Halbinsel* (3), «uma *summa* de conhecimentos e de orientações de trabalho que ainda não tem paralelo completo na bibliografia peninsular», no dizer de ORLANDO RIBEIRO, outro eminente Mestre da Geografia ibérica (4). E não se poderão esquecer os volumes da monumental *Geografía de España y Portugal*, dirigida por MANUEL DE TERÁN e com a colaboração de muitos especialistas (5), de que as páginas 9 a 92 do tomo IV-I são dedicadas à Galiza.

Situada no canto Noroeste da Península Ibérica, no extremo ocidental da estreita faixa da Ibéria sempre húmida, que corre de oeste para leste, junto ao Cantábrico e sobre os Pirenéus, fica a maior parte da província espanhola da Galiza. E, no interior de uma linha que seja traçada, grosso modo, desde Bayona, encostada a Vigo, ao longo do vale do Sil, das cumiadas da Serra de Cabrera e do vale do Douro, até ao Atlântico, incluem-se a restante parte da Galiza e as terras portuguesas do Minho, do Douro Litoral e de Trás-os-Montes que, por sua vez, formam a extremidade noroeste da muito mais vasta Ibéria com Verões secos. O conjunto dos territórios assim assinalados corresponde à histórica *Gallaecia*, entre o Cantábrico e o vale do Douro, ou até ao Mondego, que foi o foco primário de indiscutível importância para a evolução histórica e geográfica da Península Ibérica. Até ao século X esses territórios constituíram os solares de Reinos cristãos, pois para o sul do Douro imperavam os muçulmanos. Mas a Galiza, muito embora tivesse actuado como factor-inicial da Reconquista, nos séculos VIII e IX, não tomaria parte directa nos acontecimentos que decorreriam nos séculos posteriores. Ficaria encravada e estiolaria, entre o Cantábrico e o pequeno Reino de Portugal individualizado para sul do rio Minho, entre o Atlântico brumoso e os cordões montanhosos e Reinos que lhe barrariam a expansão pelo lado oriental.

Aberta às influências oceânicas e dos ciclones subpolares, que geralmente penetram do litoral para o interior montanhoso, com abundantes precipitações atmosféricas (valores iguais ou superiores a 1 m por ano), mas sem escapar àquelas da maior

parte da Península, a Galiza beneficia de um clima temperado (a maior parte do território fica entre as isotérmicas anuais de 12° e 14°, e de 4° e 8° C), húmido, sob o qual se desenvolve uma manta de retalhos de diversos tipos de vegetação, sempre verdejante, mas de aparente riqueza, onde as espécies atlânticas se misturam com as mediterrânicas, e que o homem tem modificado. RAMÓN OTERO PEDRAYO deixou uma das mais vivas e sugestivas descrições das íntimas relações entre o clima, o relevo e a vegetação na caracterização das paisagens (6). Foi geógrafo ilustre, catedrático em Santiago de Compostela, esse homem a quem tanto se ficou a dever para o renascimento da cultura galega. Nascido em Orense, em 1888, por volta dos trinta anos de idade iniciaria uma intensa vida literária, como novelista fecundo, historiador, dramaturgo, poeta e notável orador. Estudioso dos séculos XVIII e XIX na Galiza, deixou, através de contos (*Entre a vendima e a castañeira*, por exemplo) e de novelas (*O mesón dos Ermos*; *O Señorito da Reboraina*, entre outros), belíssimos quadros sobre a vida galega desses tempos, o mundo dos *pazos*, as transformações sociais que levaram à desintegração da velha comunidade centrada no *pazo*. Amando profundamente essa Galiza tradicional, acabaria por recriar a sua Galiza ideal, sem tensões, de cariz romântico, em contraponto daquela que era já a real, destruída nos seus valores essenciais por formas materialistas de um progresso que ele não chegou a compreender completamente. Como geógrafo, a sua visão da paisagem como cenário da aventura humana, como eco histórico, está bem traduzida em *Paisages y problemas geográficos de Galicia* (7), onde também mostra como poucas terras têm sido tão equivocadamente interpretadas. «La prosa de Otero es como el barroco compostelano, de una abrumadora solidez de volúmenes, de una impresionante potencia, como trabajada en el granito gallego que ama tanto» (8).

Ao falar de RAMÓN OTERO PEDRAYO, de modo nenhum fica esquecido o grupo de outros ilustres galegos, como VICENTE RISCO, criador da Antropologia cultural na Galiza e autor de uma definição de nacionalismo «regionalista» ou, melhor, «galleguista», AFONSO RODRIGUEZ CASTELAO, desenhador de extrema sensibilidade para a crítica social, escritor e político, o mais político entre eles, FLORENTINO LOPEZ CUEVILLAS, espe-

cialista da pré-história da Galiza, e muitos outros, do famoso grupo de *Nos. Boletín mensual de cultura Gallega* (1920-1935), de tanta importância na história do ressurgimento da cultura galega. No seu programa havia todo um esquema de trabalho comum, assim sintetizado: «Categorización cultural de lo autóctono; alzamiento de la espiritualidad gallega desde el plano de la vulgaridad cotidiana al de lo trascendente, de la universalidad». VICENTE RISCO no ensaio *Nos, os inadaptados* e R. OTERO PEDRAYO na novela *Arredor de sí* fixariam o retrato espiritual da sua geração, até ao redescobrimento dos importantes valores culturais galegos.

O chão da Galiza é formado, na sua maior parte, por rochas muito antigas, em particular granitos e xistos, fracturadas e modificadas em vários tempos de deformação da crosta peninsular e de evolução das formas do relevo. Criou-se assim uma espécie de grandioso cenário em que predominam os escalonamentos de blocos rochosos de cimos geralmente arrasados e finamente esculpidos que, desde as grandes alturas do interior (Montes de León, etc.), mergulham na direcção do mar. Muitos elementos da rede hidrográfica, da qual o rio Minho e o seu afluente Sil representam os mais importantes, acabaram submetidos à quadrícula de fracturas. A faixa litoral, caprichosamente recortada, testemunha a submersão, pois as partes terminais dos vales foram invadidas pelas águas oceânicas que, em alguns casos, progridem até cerca de 30 km no interior das terras. São as mui cantadas rias galegas, as *Rías altas* e as *Rías bajas*.

A Galiza é, sem dúvida, uma das regiões espanholas de mais definida e expressiva originalidade. Composta por quatro províncias, que por causas geográficas, históricas, de língua e de cultura se converteram — a partir do velho Reino — numa unidade territorial, constitui a região natural mais individualizada e, como área sócio-económica, a mais homogénea da Espanha. Com uma superfície de 29 434 km<sup>2</sup> (cerca de 6 p. 100 da área de Espanha, 1/3 de Portugal, muito perto da que tem a Bélgica), em 1970 a sua população era de 2 583 674 habitantes (perto de 8 p. 100 do total da Espanha), contra 1 980 515 no início deste século. Desigualmente distribuída pelas suas quatro províncias (La Coruña, Lugo, Orense e Pontevedra), as densidades vão de 42,3 em Lugo a 167,7 em

Pontevedra; a densidade de todo o território galego, de 89 hab./km<sup>2</sup>, fica assim entre aquelas duas. Os valores mais elevados correspondem, porém, às áreas da fachada atlântica, de maiores recursos, decrescendo aquela relação para o interior onde, na parte mais interna, montanhosa e menos rica, as densidades atingem números demasiado baixos.

A Galiza continua a ser uma região fundamentalmente agrícola, em que ainda predominam o minifúndio, a dispersão das parcelas e formas de policultura; onde, em 1970, quase 48 p. 100 da população activa pertencia ao sector agrário. Segundo um recenseamento de 1972, o número de parcelas de superfícies inferiores a 1/2 ha subia a valores entre 75 e 95 p. 100, e as de 5 h ou mais eram escassas! A produção agrícola cobre precariamente as necessidades da população, sendo fracos os rendimentos que podem ser obtidos pela comercialização de alguns artigos. E, muitas vezes, quando as condições climáticas são adversas, a situação torna-se ainda pior. Não admira que os camponeses galegos continuem a abandonar as áreas rurais e a engrossar as levas que procuram o sustento nas grandes cidades e dos que saem da Galiza. Em 1960, por exemplo, dos 2 602 962 habitantes, 74 p. 100 vivia nas zonas rurais, apenas 19 p. 100 nas cidades e os restantes em zonas intermédias.

Dos produtos agrícolas, entre os cereais, destacam-se o milho *maís* (introduzido na Península desde o século XVII, depois da descoberta da América) e o centeio, seguidos do trigo. La Coruña e Pontevedra ocupam posições de relevo no grupo das cinco províncias espanholas de maior produção de milho; os totais de há alguns anos, para aquelas províncias galegas, eram de 3 564 900 quintais e 135 400 hectares. Os *horreos*, sobre pilares de granito, contribuem como marcas características das paisagens humanizadas. Em contrapartida, Lugo e Orense são as primeiras produtoras de centeio em Espanha, com valores de 854 132 quintais e 79 000 hectares. A produção de trigo pode considerar-se relativamente pequena, evidenciando-se La Coruña e Lugo, com uma superfície total de 36 295 ha e uma colheita que ronda os 564 mil quintais. A Galiza detém valores elevados de produção de batata, outra cultura tardiamente introduzida na Península, contribuindo com a quarta parte do total nacional; La Coruña, com 4 114 300

quintais e 37 780 hectares, era a mais importante. Em terras de sequeiro, de ribeira e sobre as vertentes de numerosos vales, a vinha ocupa também áreas relativamente vastas. Em algumas delas acaba por ser uma monocultura (Bierzo ocidental, em torno de Cacabelos, de Valdeorras, na bacia de Verín, etc.) assistida permanentemente pelos homens que, nas vertentes mais declivosas constroem, arduamente, as imensas escadarias de *bocarribeiras*, ou socalcos de cultivo.

Quanto ao gado, em 1973 a Galiza tinha um pouco mais de 1 milhão de cabeças de bovinos (cerca de 23 p. 100 do total do País) e de 1,1 milhões de suínos (quase 12 p. 100 do total em Espanha), além de outros animais. O gado é, sem dúvida, uma das fontes da riqueza regional. Contudo, ele sofre as consequências das crises da agricultura, da falta de selecção de raças, de carências da rede sanitária e outros factores.

O terceiro elemento da economia agrária galega é o florestal. De 2 924 818 hectares, perto de 1 230 682 estavam ocupados por culturas, prados e pastos (incluindo os incultos), 1 620 007 por arvoredos e florestas e 91 628 representavam superfícies improdutivas. Salta à vista a preponderância do espaço florestal sobre o agrícola-ganadeiro. Contudo, além de ter mais curta dimensão produtiva que os outros dois, também é dos menos dinâmicos. As árvores tradicionais, como os carvalhos e os castanheiros, foram dando o lugar aos pinheiros e ao eucalipto, com modificação das paisagens. Na consequência do reflorestamento de muitas áreas desencadearam-se conflitos sociais descritos por vários autores. A «lucha espontánea del labrador por romper el cerco de la escasez de tierras productivas, tanto para alimentación del ganado, cama de los establos y producción de abonos, o para ampliar el área de cultivos de secano, parecía digna de amparo», (9).

Os 1200 quilómetros de costas fazem que, na Galiza, desde tempos remotos, a pesca tenha uma grande importância, quer como fonte de alimentos frescos, quer de matérias-primas para a indústria de conservas de peixe. Com uma frota de numerosos navios, de pesca litoral e de pesca de alto mar, junta ainda os produtos colhidos em viveiros abertos nas rias.

«Por causas de tipo natural e institucional, Galicia quedó históricamente al margen de los centros financieros e indus-

triales del país. El aislamiento y la disposición inicial de las zonas industriales en España relegaron a Galicia a la condición de apéndice territorial o vacío en el extremo nordoccidental de la periferia peninsular» (10). Na verdade, a industrialização da Galiza terá de ser considerada ainda escassa: a população activa desse sector mal ascende a 23 p. 100 do total e o rendimento industrial anda à volta de 29 p. 100 (4,4 p. 100 da indústria espanhola). Uma das razões estará porventura na predominância temporal da indústria regional, de tipo artesanal, sobre os grandes estabelecimentos bem apetrechados e capazes de uma maior produtividade. Também aqui as localizações preferidas estão em espaços da fachada atlântica. Evidenciam-se, por exemplo, a Ria de Vigo, a Ria de Villagarcía, o complexo de La Coruña e a Ria de Ferrol. Mas, no fundo, as principais indústrias ainda são as ligadas às produções da agricultura, da pesca e ao gado. No entanto, sobressaem as da energia eléctrica (117 centrais e 2 326 129 kw de potência instalada; a hidroeléctrica ocupa a maior parte) e da construção naval (perto da metade da tonelagem construída em Espanha).

Como dizem os galegos, a «Galiza é rica, hom, os pobres somos nosotros!». Um prognóstico para 1980 apontava uma perda de cerca de 180 000 habitantes em relação a 1970. Apesar dos progressos do desenvolvimento industrial e urbano, das modificações sociais, de algumas reformas agrárias, a Galiza permanece uma região pobre. Em 1973 o sector primário englobava ainda uma parte importante da população activa: 37 p. 100 em Pontevedra, 43 em La Coruña, 62 em Orense e 67 em Lugo. A participação galega no PNB da Espanha é fraco em todos os domínios, salvo no da pesca (31 p. 100): apenas 9 p. 100 na agricultura, 4,6 na indústria e 5,1 nos serviços. Tais números, a par de aspectos diversos que foram referidos como exemplos, revelam o baixo nível de vida da maioria da população. Naquele mesmo ano, o rendimento médio anual por habitante, sendo de 99 279 pesetas para a Espanha, era apenas de 83 061 pesetas em Pontevedra (24.º lugar), 77 582 em La Coruña (33.º lugar), 62 920 em Orense (46.º lugar) e 57 619 em Lugo (o último lugar da escala, de todas as provincias espanholas)!

Sem ter saído ainda dos limites de sobrepovoamento dos seus campos e de subdesenvolvimento crónico, não admira a sangria incontida de gerações de trabalhadores que abandonam a sua Galiza. Não perdeu actualidade o que ROSALÍA DE CASTRO escreveu há mais de um século: «Este vaise y aquel vaise...». ALBERTO MIGUEZ diria que «La emigración constituye dentro del panorama socioeconomico del país gallego el acontecimiento de mayor fuste y de más profundas consecuencias» (11). E RICARDO PALMÁS traçou do seguinte modo, com interesse e economia de palavras, o quadro geral desse movimento imparável: «Si se considera de un modo global la emigración gallega desde los inicios del siglo XVI hasta la actualidad y se tienen en cuenta las regiones de destino predominantes, es posible delimitar tres ciclos temporalmente consecutivos: uno peninsular, otro americano y un tercero europeo» (12). Ao descrever a evolução da emigração para as Américas apresenta números sobre os emigrados para o Ultramar entre 1911 e 1965 — um valor global de 1 117 136 pessoas; destas, mais de metade (cerca de 655 mil) era de originários de La Coruña e de Pontevedra. Em relação ao ciclo europeu, num total de 79 687 pessoas, entre 1962 e 1966, mais de metade tinha saído de Orense. Quanto aos destinos, entre 1960 e 1964, para um total de 58 549 indivíduos, a Alemanha fora escolhida por 25 857, a Suíça por 15 233, a França por 12 628 e os restantes dispersaram-se por outros países. Também VALENTÍN PAZ-ANDRADE dá um quadro com os números oficiais sobre os movimentos migratórios da Galiza, entre 1960 e 1968 (13). Só neste último ano, de um total de 279 027 pessoas, 104 054 preferiram outras províncias de Espanha, 88 900 procuraram fixar-se em países europeus e 85 073 tomaram os percursos transoceânicos. «Cuando la emigración llega a convertirse en una marea de siglos, cuyo nivel fluctúa, pero cuya resaca no cesa, es inútil buscarle contrapartida» (14).

En todas as partes do Mundo onde haja galegos têm sido criados «Centros galegos» que parecem resultar, sobretudo, da «existencia de un sentimiento de pertenencia a una comunidad histórica, étnica y cultural, que es preexistente al Estado español» (15). Mantém-se desse modo o «galleguismo» que todos os emigrantes transportam consigo. Onde houve a

possibilidade da reunião de intelectuais, muitos deles exilados políticos, com os outros, criaram-se comunidades influentes até mesmo nos destinos da Galiza. «Es precisamente en el Rio de la Plata en donde se produce esta acción de uno modo permanente, convertidas sus orillas en una Galicia ideal como la llamó Castelao. Durante unos quince años aproximadamente Buenos Aires se convirtió en la capital intelectual de Galicia, según la definió Xesús Alonso Montero» (16). Aí estiveram, entre muitos outros, o já referido AFONSO RODRIGUEZ CASTELAO (que chegou a ser nomeado ministro de um governo da República no exílio), LUÍS SEOANE (nascido em Buenos Aires, autor de páginas extraordinárias sobre a emigração — publicadas em *Galicia emigrante*; *Fardel d'eisilado*, 1952, etc.), EDUARDO BLANCO-AMOR (autor de *A Esmorga*, 1959, que já é um clássico da narrativa galega), XOSÉ NEIRA VILA (*Memórias dun neno labrego*, 1961; *Xente no rodicio*, 1965; *Histórias de emigrantes*, 1968; etc.), para só citar alguns exemplos. E nesses grupos, nessas comunidades do ultramar se cristalizava o «galleguismo», a maneira galega de estar no Mundo, «E c'o á esperanza, c'o á esperanza ardente d'a Galicia tornar...», como escreveu ROSALÍA DE CASTRO no seu *Libro v de Folhas Novas*.

## BIBLIOGRAFIA CITADA NO TEXTO

- (1) ROSALÍA DE CASTRO, *Obras Completas*. Madrid, Aguilar S. A. Ediciones, 1972; as citações foram extraídas de p. 267-268; 347 e 355; 522-523.
- (2) JOSEPH M. PIEL, «Notas de lugares referentes ao relevo e aos aspectos do solo. (Capítulo de uma toponímia galego-portuguesa)». *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, 1947, vol. I, tomo I, p. 153-198; citação, de p. 156.
- (3) HERMANN LAUTENSACH, *Die Iberische Halbinsel*. Munique, Keyzersche-Verlagsbuchhandlung, 1964, 700 p. Existe tradução espanhola, *Geografía de España y Portugal*. Barcelona, Editorial Vincens-Vives, 1967, 814 p.
- (4) ORLANDO RIBEIRO, «Hermann Lautensach (1886-1971)». *Finisterra. Revista Portuguesa de Geografia*, Lisboa, 1971, vol. VI, p. 161-163; citação, de p. 161. Também, «Publicações recentes acerca da Península Ibérica. (Quarta notícia)». *Idem*, p. 255-276.
- (5) *Geografía de España y Portugal*. Barcelona, Montaner y Simón, S. A., vários volumes. Aquele referido no texto é *España. Geografía Regional*. Barcelona, 1958, por MANUEL DE TERÁN

com colaboração de R. OTERO PEDRAYO e F. HERNÁNDEZ PACHECO.

- (6) R. OTERO PEDRAYO, *Guía de Galicia*. Orense, 1926, Santiago, 1945 (2.<sup>a</sup> edição).
- (7) R. OTERO PEDRAYO, *Paisajes y problemas geográficos de Galicia*. Madrid, CIAP., Biblioteca de Estudios Gallegos, 1928.
- (8) BASILIO LOSADA CASTRO, «La Literatura», em *Los Gallegos*. Madrid Ediciones Istmo, Libro de bolsillo Istmo-Col. Fundamentos, 1976, p. 241-318; citação, de p. 287.
- (9) VALENTÍN PAZ-ANDRADE, *La Marginación de Galicia*. Madrid, Siglo XXI de España Editores S. A., 1970, 351 p.; citação, de p. 223.
- (10) CARLOS OTERO DIAZ, «Apariencia y realidad del desarrollo económico de Galicia», em *Problemas y soluciones del desarrollo económico de Galicia*. Algorta (Vizcaya), Zero S. A., 1972, p. 21-38; citação, de p. 21.
- (11) ALBERTO MIGUEZ, *Galicia, éxodo y desarrollo*. Madrid, Edicusa, 1967.
- (12) RICARDO PALMÁS, «La emigración», em *Los Gallegos*. Madrid, 1976, p. 503-536; citação, de p. 509.
- (13) e (14) VALENTÍN PAZ-ANDRADE, *Obra cit.* em (9), p. 70.
- (15) e (16) RICARDO PALMÁS, «Obra cit.» em (12), p. 533 e 535.

#### RÉSUMÉ

*La Galice, «finisterre» dans la Péninsule Ibérique.* Cet article a été écrit à partir des notes compilées par l'auteur pour une intervention au Colloque International sur «Tradição, Actualidade e Futuro do Galego», réalisé à Trèves, du 13 au 15 novembre 1980. Les sources ont surtout été tirées des travaux de ROSALÍA DE CASTRO (la grande poétesse, auteur, entre autres, de *Cantares Gallegos* et de *Folhas Novas*) et de JOSEPH PIEL (ancien professeur de diverses universités dont celle de Lisbonne et Président de la réunion de Trèves).

On a rappelé brièvement les caractéristiques géographiques majeures de cette province espagnole de l'extrémité nord-ouest de la Péninsule, la diversité régionale de ses paysages sans oublier celle de son peuplement et des formes actuelles de l'organisation de l'espace, des aspects-économiques les plus évidents comme de sa vie de relation, en soulignant la position périphérique où elle a toujours été maintenue, en marge des centres financiers et industriels du pays dont elle fait partie intégrante.

Avec une densité moyenne de 89 hab/km<sup>2</sup> environ, la Galice reste fondamentalement une province agricole où dominent la petite propriété, la dispersion du parcellaire et la polyculture; l'élevage comme la production agricole est sujette à des crises périodiques; le secteur forestier, quant à lui, bien que couvrant la superficie la plus grande, fournit des rendements inférieurs aux deux autres secteurs. L'industrialisation est rare et relativement récente.

Malgré les progrès du développement industriel et urbain, des modifications sociales et quelques réformes agraires, la Galice reste

une province pauvre si on la compare aux autres. Une grande partie de sa population dut émigrer vers les autres provinces espagnoles et surtout à l'étranger, formant des colonies éparpillées sur tous les continents. On a cité quelques-uns des principaux aspects du phénomène migratoire et de ses conséquences qu'un auteur galicien résumait de cette façon: «Cuando la emigración llega a convertirse en una marea de siglos, cuyo nivel fluctúa, pero cuya resaca no cesa, es inútil buscarle contrapartida» (V. PAZ-ANDRADE). A ce propos, on rappelle aussi, en quelques mots, le sentiment «galleguista» que les émigrants conservent, et qui vibre intensément dans les œuvres des galiciens émigrés, ainsi que la force spirituelle qui accompagne toujours la manière d'être galicienne, comme la transcrivit ROSALÍA DE CASTRO, «c'o á esperanza, c'o á esperanza ardente d'a Galicia tornar...».

#### SUMMARY

*Galicia, «finisterre» of the Iberian Peninsula.* This article was written after some notes prepared for a meeting of the International Colloquium on *Tradição, Actualidade e Futuro do Galego* (Tradition, the Present and the Future of the Galecian) held at the University of Trier on 13-15th November 1980, and also using references extracted from the works of ROSALÍA DE CASTRO (poetess and authoress of *Cantares Gallegos* and *Folhas Novas*) and of JOSEPH PIEL (former Professor at several Universities including Lisbon, and Chairman of that Trier meeting).

Being briefly described the most important geographical characteristics of Galicia, the regional diversity in its physical and cultural landscapes, the population and the present forms of spatial organization, as well as the most important economic aspects and those of relative life, emphasis has been given to the peripheral position it has always had on the fringe of the financial and industrial centres of the country it belongs to.

With an average density of about 89 inhabitants/km<sup>2</sup>, Galicia remains a mainly agricultural country where small landowners, scattered plots, and mixed farming predominate, where cattle breeding, like the other farm productions, is subject to severe crises, and where forestry gives a lower income than those of the former despite its larger area. Industry is relatively recent and scarce.

Notwithstanding progresses in industrial and urban development, some social changes and a few land reforms, Galicia remains a poor province when compared with the others in the country. A good percentage of its population is compelled to leave for other Spanish regions and moreso, for foreign countries all over the World. Some of the most important migratory trends and their consequences are referred to. A Galecian author, V. PAZ-ANDRADE summed them up as follows: «Cuando la emigración llega a convertirse en una marea de siglos, cuyo nivel fluctúa, pero cuya resaca no cesa, es inútil buscarle contrapartida». It is

also reminded in few words the *galleguista* feeling the emigrants carry within themselves and which can be stressed in the works of so many authors writing far from their Galicia, as well as the spiritual strength always present in the Galician way of facing the world «*c'o á esperanza, c'o á esperanza ardente d'á Galicia tornar...*», as ROSALÍA DE CASTRO once wrote.